

CONHECIMENTO SOBRE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS APRESENTADO POR ACADÊMICOS DOS CURSOS DE ENFERMAGEM E MEDICINA

(A); Daniel Sarmento Bezerra (B); Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira (C); Álef Lamark Alves Bezerra (D); Ivson José Almeida Medeiros Júnior (E); Tânia Regina Ferreira Cavalcanti

(A) *Faculdade de Enfermagem Nova Esperança. (FACENE)*. sarmentomedaniel@gmail.com; (B) *Faculdade de Medicina Nova Esperança. (FAMENE)*. E-mail: waleriabastos@hotmail.com; (C) *Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM)*. Email: aleflamark@gmail.com. (D) *Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE)*. Email: ivson_medeiros@hotmail.com; (E) *Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE)*. Email: trfcavalcanti@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, descritiva, com abordagem quantitativa, que avaliou o entendimento dos alunos de enfermagem e medicina sobre o significado do transplante de órgãos. A pesquisa foi realizada nas faculdades Nova Esperança, FAMENE/FACENE; e Maurício de Nassau João Pessoa. A população foi constituída por discentes do 2º e 8º períodos de cada curso das Instituições de Ensino supracitadas. A amostra constituiu-se por cento e vinte (120) desses discentes. O instrumento escolhido para a coleta de dados foi um questionário estruturado em duas partes onde evidenciava dados de identificação dos participantes e dados relacionados ao conhecimento de transplantes de órgão. A coleta de dados, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa FACENE/FAMENE, foi realizada durante o mês de outubro de 2015. Os dados foram analisados e tabulados estatisticamente, com o auxílio de um software estatístico SPSS (Versão 18). A pesquisa verificou que aproximadamente 50% dos alunos não possuem conhecimento suficiente a respeito do diagnóstico de morte encefálica e que 85,5% não tem conhecimento sobre o Sistema Nacional de Transplantes; assim, implicando numa dinâmica negativa em relação ao processo do transplante de órgãos. Esta pesquisa respeitou os aspectos éticos preconizados pela Resolução CNS 466/2012, como também a Resolução 1931/2009 CFM, Capítulo XII. O resultado do estudo sugere que as faculdades reavaliem o conteúdo ministrado para que haja diminuição da perda de órgãos viáveis e conseqüentemente para a morte de pessoas que poderiam ser tratadas.

PALAVRAS-CHAVE: Transplante de Órgãos; Educação de Graduação em Medicina; Estudantes de Medicina; Estudantes de Enfermagem.

Abstract: This current study is characterized as a field of research, descriptive, with quantitative approach, which evaluated the understanding of nursing and medical students on the meaning of organ transplantation. The survey was conducted in Nova Esperança, FAMENE / FACENE and Maurício de Nassau João Pessoa colleges. The population consisted of students from the 2nd and 8th periods of each course of the above educational institutions. The sample consisted of one hundred twenty (120) of these students. The chosen instrument for data collection was a questionnaire structured in two parts which evinced identification data of participants and data related to the knowledge of organ transplants. Data collection, after approval of the project by the Comitê de Ética e Pesquisa FACENE / FAMENE was held during the month October in 2015. The data were analyzed and statistically tabulated with the help of a statistical software SPSS (18th version). The survey found that about 50% of students do not have sufficient knowledge about the diagnosis of brain death and that 85.5% have no knowledge of the Sistema Nacional de Transplantes; thus implying a negative dynamic in relation to the organ transplantation process. This study regarded the ethical aspects recommended by Resolution CNS 466/2012, as well as Resolution 1931/2009 CFM, Chapter XII. The result of this study suggests that colleges reevaluate the content taught in order to decrease the loss of viable organs and consequently the death of people who could be treated.

KEYWORDS: Organ Transplantation; Medical, Undergraduate; Students, Medical; Students, Nursing.

Introdução: Existe uma constante e crescente demanda por transplantes de órgãos em todo território nacional e sabemos que tanto a carreira do médico quanto a do enfermeiro não contempla em seus currículos nenhuma matéria voltada para este tema, especificamente. Havendo a necessidade de o profissional buscar por conta própria, cursos e especializações sobre transplantes de órgãos, na forma extracurricular. Existindo, inclusive, dentro de ambiente hospitalar, em urgências e unidades de terapia intensiva, o desconhecimento, por médicos e enfermeiros, dos menores fatores que envolvem o transplante de órgãos, tais quais: abertura de protocolo de morte encefálica, manutenção do paciente com morte encefálica, notificação destes pacientes, a existência de convênios com a Central de Transplantes regional (FREIRE, 2012).

Os primeiros transplantes realizados no Brasil datam da década de 60. O Sistema Nacional de Transplantes (SNT) foi criado, apenas, em 1996 devido a uma grande demanda por transplantes de órgãos e tecidos em todo o território nacional. Em vista da necessidade, foi publicada em 4 de fevereiro de 1997, a Lei 9.434, que dispõe sobre a retirada de órgãos, tecidos e partes do corpo para esta finalidade (FREIRE, 2012). Ela

estabelece a gratuidade e define que o receptor não terá qualquer indenização caso o transplante seja cancelado, não realizado ou não obtenha o resultado esperado pelas equipes; cabendo ao Conselho Federal de Medicina, através da resolução 1.480/97, a definição de morte encefálica (CFM, 1997).

O transplante pode ser feito entre pacientes vivos (parentesco até quarto grau), através de doador falecido e mantido estável em UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e também, doador morto, no caso da doação de córneas. Nesse sentido surgiu o interesse em pesquisar sobre o conhecimento dos alunos de ambos os cursos sobre o significado do transplante de órgãos a partir das seguintes questões norteadoras. O Sistema Nacional de Transplantes (SNT) foi decretado em 1997, Decreto nº 2.268, de 30 de junho. Sendo a instância responsável pelo controle e monitoramento dos transplantes de órgãos, tecidos e partes do corpo humano, que sejam feitos no Brasil. O SNT atua com gestão política, promoção da doação, logística, credenciando as equipes cirúrgicas e hospitais, definindo gastos e financiamentos; e regulamentando o processo, desde a captação de órgãos até o acompanhamento dos transplantados (BRASIL, 1997). A redução do tempo de espera dos pacientes na

lista de transplantes e a melhoria da qualidade de vida dos pacientes é a meta principal daquela instância. O Brasil possui o maior sistema público de transplantes do mundo e 95% dos procedimentos e cirurgias são feitos gratuitamente. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece assistência integral ao transplantado, incluindo: procedimento cirúrgico; exames pré-operatórios e pós-operatórios; medicamentos e outros recursos necessários⁴. Integram o SNT auxiliando na sua atividade: Coordenação-Geral do Sistema Nacional de Transplantes (CGSNT); Central Nacional de Transplantes; Comissões Intra-hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTTs); Organizações de Procura de Órgãos (OPOs) e as Centrais de Notificação, Captação e Doação de Órgãos e Tecidos (CNCDOs). O transplante de órgãos e tecidos deve se dar de forma gratuita e não cabendo indenização caso haja o cancelamento do mesmo. Não configura como transplante os seguintes tecidos: óvulos, sangue e espermatozoides humanos (BRASIL, 1997).

O diagnóstico de morte encefálica deve ser dado por no mínimo três médicos não vinculados ao transplante de órgãos e tecidos (BRASIL, 1997). O responsável pelo corpo é o parente de maior grau na escala estabelecida por lei e este deverá decidir se doa ou não os órgãos do parente falecido (córneas); ou em morte

encefálica (doação multi-órgão). O transplante obedece a uma listagem nacional onde o paciente é cadastrado pelo respectivo médico e aguarda por uma doação compatível com sua etiologia ou condição clínica. A captação dos órgãos é feita em estabelecimentos cadastrados e com equipe treinada e que possua certificação para tais atividades. O registro destas equipes e estabelecimento possui prazos que são rigorosamente executados (BRASIL, 1997). O enfermeiro deve estar apto a reconhecer os sinais de uma provável morte encefálica, informar ao médico plantonista e tomar as ações corretas para a manutenção hemodinâmica do paciente; evitando assim, que o paciente tenha PCR (parada cardiorrespiratória) e venha a óbito (MAIA, 2009). O médico deve prezar pela saúde de seu paciente assim como manter uma postura ética perante o processo de transplante, sendo vetado ao médico transplantador, ou de equipe transplantadora: participar do diagnóstico de morte encefálica; garantindo, assim, a legitimidade da mesma (CFM, 2010).

O transplante de órgãos é uma atividade prioritariamente gerenciada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), podendo ser particular em forma complementar, e atende gratuitamente qualquer cidadão brasileiro. A má informação da população como dos profissionais de saúde causa grande impasse

para o desenvolvimento do mesmo (GALVÃO, 2007). Exigindo assim, uma maior atenção para a educação continuada dos profissionais de saúde e estudantes. A literatura médica ainda é pobre e pouco informativa. E os estudantes, público mais importante a ser capacitado no sentido de garantir que o transplante ganhe força e seja aceito com menos suspeitas, é pouco atualizado, informa o supracitado. O número de transplantes feitos hoje no país é satisfatório, embora a captação dos órgãos não seja. Existe um potencial muito grande para a captação mais eficiente; e a capacitação de médicos e enfermeiros torna-se condição vital para este feito. Profissionais de saúde ainda não possuem uma ideia formada sobre o conceito de morte encefálica - decisivo na doação de órgãos - existindo muitas contradições e opiniões divergentes (BITENCOURT, 2007). Inclusive, havendo, a confusão entre o diagnóstico de morte encefálica e paciente terminal. O enfermeiro possui uma função determinante na conduta do transplante, uma vez que ele deve estar apto a reconhecer os sinais de uma provável morte encefálica e tomar as ações corretas para a manutenção hemodinâmica do paciente; evitando assim, que um transplante seja perdido (MAIA, 2009).

Com base nisso, surgiu o nosso interesse, enquanto acadêmicos de medicina e

enfermagem e membros de ligas acadêmicas que envolvem diretamente o tema, em desenvolvermos este estudo com o objetivo de avaliar o entendimento dos alunos de enfermagem e medicina sobre o significado do transplante de órgãos.

Metodologia: O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, descritiva, com abordagem quantitativa, que avaliou o entendimento dos discentes dos cursos de medicina e de enfermagem sobre o significado do transplante de órgãos. Foi realizada em duas Instituições de Ensino Superior – IES no município de João Pessoa que oferecem os cursos de medicina e/ou de enfermagem: Faculdades de Medicina e de Enfermagem Nova Esperança e Faculdade Maurício de Nassau João Pessoa. A escolha dessas IES se deu em virtude de parte dos pesquisadores serem discentes dos cursos em cada uma delas. Foram entrevistados discentes do 2º e 8º períodos de ambos os cursos e faculdades. A amostra constituída totalizou cento e vinte (120) desses discentes; sendo trinta (30) de cada período. E teve como critério de inclusão: estudantes maiores de 18 anos; propriamente matriculados e concordando em participar mediante assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O instrumento escolhido para a coleta de dados foi um

Questionário estruturado em duas partes: Parte I – Dados de identificação dos participantes; e Parte II – dados relacionados à temática, conhecimento de transplante de órgão. A escolha do questionário visou poupar tempo, obter dados de fácil compreensão e ser discreto; não inibindo a opinião sincera do entrevistado. Para subsidiar a análise e discussão dos resultados foram utilizadas literaturas que fazem referência a temática e artigos indexados em bancos de dados como: SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*); PUBMED (*National Library of Medicine*); MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line*); LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde). A busca de artigos nas bases de dados foi realizada utilizando-se a terminologia em saúde consultada na BVS – Biblioteca Virtual de Saúde e nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/Bireme), identificando os descritores: *doação de órgãos e profissionais de saúde*. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB (CAAE 49835115.5.0000.5179). E teve o CEP 5179.

Resultados e Discussões: Foram oferecidos 120 questionários, ao segundo e oitavo

períodos, de ambos os cursos. Destes, apenas 17 foram devolvidos, atingindo, portanto, 85,83%. A apresentação dessa porcentagem é da seguinte forma: a turma do segundo período de medicina foi representada por 29 estudantes (96,67%), a do segundo período de enfermagem por 30 graduandos (100%), a do oitavo período de medicina com 23 alunos (76,66%) e a do oitavo período de enfermagem por 21 estudantes (70%). No total, foram avaliados, 103 estudantes; sendo que 53,39% deles relataram ter assistido a cursos, aulas ou palestras sobre morte encefálica e tema transplantes de órgãos; os alunos apresentam conhecimentos limitados a respeito do tema.

Tabela 2 – “Você conhece a legislação brasileira sobre transplante de órgãos?”

P2 M		P2 E		P8 M		P8 E	
S	N	S	N	S	N	S	N
02	27	00	30	10	13	00	21

Fonte: própria pesquisa.

Apenas 11,5% dos alunos respondeu saber algo ou ter conhecimento a respeito da legislação de transplantes de órgãos; sendo que nenhum dos alunos de enfermagem soube responder a essa questão. O conhecimento declarado pelos alunos a respeito do assunto é

considerado regular. A diretriz nacional de educação superior em saúde, não faz nenhuma citação sobre transplante de órgãos (BRASIL, 2001). A abordagem sobre o Sistema Nacional de Transplantes demonstrou que os alunos não possuem conhecimento satisfatório e não entendem o suficiente para que haja uma boa dinâmica do transplante de órgãos. O conhecimento sobre o Sistema Nacional de Transplantes foi da seguinte forma: 15 alunos – 14,5 % - responderam possuir algum conhecimento e 88 alunos – 85,5% - admitem não saber nada sobre o mesmo.

Tabela 3 – “Você estudou em sua formação acadêmica assuntos como morte encefálica ou transplantes de órgãos?”

P2 M		P2 E		P8 M		P8 E	
S	N	S	N	S	N	S	N
05	24	12	18	23	00	15	06

Fonte: própria pesquisa.

No segundo período de medicina, apenas cinco dos alunos relataram ter recebido informação, aulas, palestras ou cursos sobre morte encefálica e transplantes de órgãos, no segundo período de enfermagem 12 graduandos relataram a mesma informação; enquanto que no oitavo

período de medicina 23 alunos informaram ter tido algum estudo sobre transplantes e morte encefálica. Dentre os alunos do oitavo período de enfermagem 12 tiveram algum tipo de estudo sobre morte encefálica e transplantes de órgãos. Os efeitos causados pela morte encefálica, no organismo, resultam em: instabilidade cardiovascular, perda do equilíbrio metabólico e pouca perfusão tecidual; exigindo dos profissionais da área, conhecimento, que possibilite o reconhecimento precoce e a intervenção deste organismo para preservar os órgãos (MAIA, 2009).

Tabela 4 – “Você doaria seus órgãos?”

P2 M		P2 E		P8 M		P8 E	
S	N	S	N	S	N	S	N
24	04	24	06	23	00	19	02

Fonte: própria pesquisa.

Oitenta e oito por cento dos alunos do total de graduandos entrevistados nesta pesquisa se declararam doadores de órgãos, não sendo feitas diferenciações enquanto doador-vivo ou doador-cadáver (GALVÃO, 2010). As razões não foram abordadas nesse estudo, mas estudos anteriores mostram que as mulheres, estudantes de medicina da

Universidade Federal Fluminense, são maioria embora os números sejam significativos em ambos os sexos (NETO, 2012). Oitenta e cinco por cento deles se declarou doadores. Dentre os alunos de enfermagem da Universidade de Santo Amaro 55% dos alunos entrevistados não são doadores e este número é bastante próximo ao da população que não tem relação com a área de saúde (REIS, 2009).

Conclusão: A respeito dessa temática, sabe que até o momento ela não é contemplada pelo Conselho Nacional de Educação em suas diretrizes acadêmicas. Concordante, a literatura médica faz poucas citações como também demonstra conhecimentos

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Norma Operacional N° 001/2013**. Brasília, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM) – **Código de Ética Médica:** Resolução CFM nº1931, de 17 de Setembro de 2009. CFM, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM) – **Critérios para a Caracterização**

insuficientes por parte dos profissionais de saúde brasileiros quanto ao tema transplante de órgãos e tecidos. Outrossim, a pesquisa mostrou, diante dos resultados, que se torna relevante que as instituições de ensino superior reavaliem a grade curricular e repensem a inclusão da temática transplante de órgãos no cenário educacional de nível superior no intuito de despertar uma nova consciência dos acadêmicos. Fortalecendo, assim, as ações de saúde na área de transplantes de órgãos e tecidos e aumentando o interesse dos recém-formados pela área. É válido afirmar que a desinformação causa a perda de órgãos viáveis e conseqüentemente a morte de pessoas que poderiam ser tratadas.

da Morte Encefálica: Resolução CFM nº1480, de 08 de Agosto de 1997. CFM, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9434.htm>. Acesso em: 06 set. 2015.

BITENCOURT AGV. et al. Avaliação do conhecimento de estudantes de medicina sobre morte encefálica. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**. v. 19, n. 2, 2007.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbti/v19n2/a02v19n2.pdf>>. Acesso em: 22 ago.2015.

FREIRE, ILS. et al. Morte encefálica e cuidados na manutenção do potencial doador de órgãos e tecidos para transplante. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 14, n. 4, p. 903-912, 2012. Disponível em:

<https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n4/pdf/v14n4a19.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.

GALVÃO, FHF. et al. Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplantes de órgãos. **Rev Assoc Med Bras**; v. 53, n. 5, p. 401-6, 2007.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302007000500015&lng=pt>. Acesso em: 22 ago. 2015.

MAIA, BO; AMORIM, JS. Morte encefálica: conhecimento de acadêmicos de medicina e enfermagem. **JBT J Bras Transpl.**; v. 12, n. 2, p. 1081-1124, 2009. Disponível em:

<<http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/JBT/2009/2.pdf>>. Acesso em: 22 ago.2015.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PARECER CNE/CES

1133/2001 – HOMOLOGADO. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>>. Acesso em: 16 dez.2015.

NETO, JAC. et al. Estudantes de Medicina da UFJF e doação de órgãos para transplante.

HU Revista, Juiz de Fora, v. 38, n. 1, p. xx-xx, jan./mar. 2012. Disponível

em:<http://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hu_revista/article/viewFile/1930/730>. Acesso em: 16 dez.2015.

REIS, ML, POPOV, DCS. Percepção de estudantes de enfermagem sobre a doação de órgãos. **Rev Enferm UNISA** , v. 10, n. 2, p. 107-112, 2009. Disponível em: <

<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2009-2-01.pdf>>. Acesso em: 16 dez.2015.